

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt



Ano LIV, número 8 (2.808)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 23 de fevereiro de 2023

Na audiência geral, o severo aviso de Francisco à comunidade internacional um ano após a invasão da Ucrânia

Foi feito tudo para parar a guerra?

Aquela construída sobre os escombros nunca será uma verdadeira vitória



«Foi feito tudo o que era possível para parar a guerra?». A pergunta perturbadora colocada esta manhã pelo Papa Francisco desafia as consciências dos que têm responsabilidades internacionais, mas também de cada indivíduo. Ele fá-lo apenas horas antes do «triste aniversário» de «depois de amanhã, 24 de fevereiro», da «invasão da Ucrânia», que marca «o início desta guerra absurda e cruel». As suas palavras, pesadas como rochas, ecoaram na Sala Paulo VI na audiência geral nesta quarta-feira de Cinzas, 22 de fevereiro, quando a Igreja inicia o caminho quaresmal: o Pontífice recordou o macabro e trágico «número de mortos, feridos, refugiados e deslocados, destruição, prejuízos económicos e sociais» e perguntou se «o Senhor será capaz de perdoar tantos crimes e tanta violência», Aquê que «é o Deus da paz». Por isso renovou o convite – como faz todos os domingos e quartas-feiras – a permanecer «próximos do povo mártir ucraniano, que continua a sofrer», com o apelo sincero «aos que têm autoridade sobre as nações» para «se empenharem concretamente no fim do conflito, para chegarem a um cessar-fogo e para iniciarem negociações de paz». Porque, adverte Francisco, «aquela que é construída sobre os escombros nunca será uma verdadeira vitória».

PÁGINA 3

Na quarta-feira de cinzas o Papa no Aventino para o início da Quaresma

Tempo para contornar a ditadura das agendas sempre cheias



Na tarde de 22 de fevereiro, Quarta-feira de Cinzas e memória litúrgica da Cátedra de São Pedro Apóstolo, o Papa foi ao Aventino para a celebração na forma das «Estações» romanas que marca o dia de início da Quaresma. Primeiro na Igreja beneditina de Santo Anselmo teve lugar um momento de oração ao qual se seguiu a procissão penitencial até à basílica dominicana de Santa Sabina. Ali o Pontífice presidiu à missa com o rito de bênção e de imposição das cinzas. Impôs as cinzas ao Santo Padre o penitenciero-mor, cardeal Mauro Piacenza.

PÁGINA 2

Acabar com este conflito

ANDREA TORNIELLI

Um ano depois da agressão perpetrada pela Federação russa contra a Ucrânia, mais de dezassete milhões de pessoas no país agredido necessitam de assistência humanitária, oito milhões são os refugiados no estrangeiro e seis milhões são deslocados internos. Talvez sejam mais de vinte mil as vítimas civis e cerca de cem mil militares em ambas as frentes. Diante desta carnificina insensata no coração da Europa cristã, onde combatem soldados que partilham o mesmo batismo, um massacre que conduz a humanidade a passos cada vez mais rápidos para a autodestruição, não se pode deixar de fazer própria a dramática interroga-

ção que o sucessor de Pedro dirigiu à comunidade internacional e a cada um de nós: «Foi feito todo o possível para pôr fim à guerra?». É difícil responder com um «sim» perante a afasia e a falta de criatividade das diplomacias e

dos organismos internacionais. É difícil responder com um «sim» face à aceleração da corrida ao armamento e à retórica militarista do pensamento único que estigmatiza quaisquer dúvidas a respeito da escalada bélica.

O Papa Francisco dirigiu inúmeros apelos, gritando, em sintonia com os seus predecessores, o seu impelente «Não à guerra!». É o mesmo «Nunca mais a

CONTINUA NA PÁGINA 2

Mensagem do Pontífice para a Campanha da fraternidade no Brasil

Extirpar definitivamente a fome

PÁGINA 12

O arcebispo Gallagher falou sobre a ação diplomática da Santa Sé um ano após a invasão russa

Pôr fim ao terrível flagelo no coração da Europa

SVITLANA DUKHOVYCH

Um ano após a invasão russa da Ucrânia, o arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados, falou aos meios de comunicação social do Vaticano sobre a ação diplomática da Santa Sé para ajudar a pôr fim a esta terrível guerra. Animar esta ação, afirmou, é «a iniciativa do Santo Padre» com os seus constantes «apelos a favor da paz na Ucrânia». Procura-se sempre não deixar esquecer «a atrocidade, a ferocidade desta guerra», disse o prelado, abertos à esperança de «uma eventual negociação» que conduza à paz. Recordou a sua visita à Ucrânia em maio passado, afirmando que ela o «mudou profundamente», e explicou que a permanência do núncio apostólico em Kyiv não obstante a guerra significa querer partilhar os sofrimentos do povo ucraniano: uma decisão que faz parte da própria natureza da diplomacia da Santa Sé.

A diplomacia da Santa Sé é guiada e animada sobretudo pela iniciativa do Santo Padre: ele que continua a insistir nas suas orações e nos seus discursos – quer nas audiências gerais quer na oração mariana do Angelus todos os domingos – nos apelos a favor da paz na Ucrânia. E nós seguimo-lo. Procuramos sempre ter em mente, como o fazem muitos outros, a atrocidade, a ferocidade desta guerra que continua à custa de tantas vítimas, tantos mortos, tantas pessoas feridas, famílias desaparecidas. É isto que procuramos fazer, mantendo sempre uma certa disponibilidade em relação aos atores para uma possível negociação que deveria pôr fim a esta terrível guerra. Acredito que este é o nosso papel. Embora seja difícil para a própria Ucrânia e para muitos outros falar de diálogo e paz, de reconciliação, isto é algo que a Igreja, a Santa Sé e o Santo Padre, podem e devem fazer, e isto é fundamental: manter presente o sonho da paz. Compreendemos a dificuldade que muitos têm, neste momento de sofrimento, de considerar a paz nestes termos, mas alguém tem de o fazer porque, eventualmente, haverá a conclusão desta terrível guerra e esperamos que o fim chegue imediatamente.

Do ponto de vista da ação diplomática da Santa Sé, quais são os aspetos que tornam esta guerra

na Ucrânia particular em comparação com outras guerras?

Antes de mais, devemos dizer que esta é uma guerra na Europa. Nós, europeus, após a experiência da Segunda Guerra Mundial, pensámos que a guerra nunca mais voltaria a acontecer e agora vemos a realidade. Isto é importante. Depois é uma guerra entre dois países que partilham uma longa história, muitos aspetos culturais e, não menos importante, a dimensão religiosa. Por isso, esta guerra é particularmente problemática. Todas as guerras são terríveis, mas esta guerra confronta-nos com uma situação muito difícil para todos, porque embora reconheçamos a gravidade das ações da Rússia, vemos que a Rússia é um país muito importante, um país com uma longa história, e temos de reconstruir, em última análise, uma paz, uma relação futura com esta Rússia. E isto também torna a condução da guerra particularmente difícil.

Em maio do ano passado, que significado teve para Vossa Excelência esta visita na Ucrânia?

Para mim teve um impacto muito profundo. Quando se vai e se toca o sofrimento de um povo, quando se veem,

CONTINUA NA PÁGINA 8



Destroços na cidade de Bakhmut, Ucrânia (Reuters)

NESTE NÚMERO

Os encontros de Francisco com os jesuítas da República Democrática do Congo e do Sudão do Sul

A Igreja não é uma multinacional de espiritualidade

ANTONIO SPADARO NA PÁGINA 6

Reflexão litúrgico-pastoral para o domingo 1 da Quaresma

Deixar-se guiar sempre por Deus

DOM ANTÓNIO COUTO NA PÁGINA 11

Excelência, a 24 de fevereiro de há um ano, começou com a invasão da Ucrânia em grande escala por parte da Federação Russa. A guerra não parece ter fim. Quais são os âmbitos nos quais se move a diplomacia da Santa Sé a fim de contribuir para pôr fim a esta guerra e estabelecer a paz?